

ESPAÇOS E CÔRES: CARTAZES DE CINEMA

O primeiro cartaz cinematográfico tem a idade das primeiras exposições públicas do cinematógrafo: 70 anos. Não era um cartaz de filme, mostrava a fila de espectadores diante do Grand Café, Boulevard des Italiens, Paris, onde começavam, em dezembro de 1895, as exposições dos irmãos Lumière: mulheres de grandes chapéus, homens de cartola, militares de bigodes brancos, um velho padre, um menino de boina de marinheiro.

Já o segundo cartaz, se reproduzia os mesmos espectadores sentados na platéia — as senhoras ainda de chapéu, os cavalheiros com a cabeça descoberta —, tentava refletir uma imagem de “L’arroseur arrosé”, a primeira e ingênua cena cômica do cinema, sobre uma tela branca cercada de cortinas escuras.

Foi dessa famosa litogravura de Auzolle, datada de 1896, que derivaram todos os cartazes modernos.

A evolução não se processou fácil nem rapidamente. Até hoje, a grande maioria dos cartazes cinematográficos denuncia o mau gosto e a vulgaridade. Produtores e distribuidores, industriais e comerciantes, que pensam conhecer profundamente as inclinações do público, entendem que a mercadoria-filme necessita de uma publicidade popular, sem o signo marcante de uma autoria pessoal.

Foram ficando na história, porém, os exemplos de Fernand Léger, Bilinsky, Barrère, Chéret, na França; Barn-Dollar, nos Estados Unidos; Antonio Clave, na Espanha; Serpy, na Checoslováquia; Karol Hiller, na Polônia; Maiacovsky e Sternberg na URSS; Fenneker e Hoelter, na Alemanha: artistas que atribuíram ao cartaz de cinema a categoria de uma arte plástica moderna, de fator importante na educação estética das massas.

Essa revolução artística, admitida oficialmente em muitos países, assumiu formas diversas, utiliza materiais diferentes. Da fotomontagem à revitalização do barroco ornamental. Alguns tentam a crítica mordente através de estampas caricaturais. Outros engenhavam dinâmicas de papéis cortados. O colorido alterna com o grafismo em preto-e-branco. Constrói-se uma arquitetura de planos fotográficos e tipográficos, de desenhos, espaços livres, cores imprevistas, sempre um chamamento para o olhar, nunca um disfarce. Para uma arte tão figurativa como o cinema, às vezes uma abstração misteriosa, imaginada para o fascínio visual.

Saul Bass nos Estados Unidos, Cuvazu no Japão, Raymond Gid na França, Jan Lenica na Polônia, Varga na Checoslováquia, Hans Hillman na Alemanha: eis, com mestres indiscutíveis, a velha litogravura do século XIX abrindo ao espectador as portas do jovem cinema do século XX.

De medíocre e efêmero, o cartaz cinematográfico inaugura a permanência da mais audaciosa imagística popular moderna, com ela renovando a maneira de ver do homem contemporâneo.

Walter da Silveira